

Ulysses: hora é de conversar

Mantendo-se ileso, ele manda seu recado para Sarney

MARCOS HENRIQUE



Com Luiz Henrique e Ibsem Pinheiro, Ulysses acompanhou a votação ontem

Governo não tem mais força, acredita Covas

Sorriso de ponta a ponta, o senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, até se esqueceu das suas pontes de safena. O coração agüentou firme a emoção da vitória dos quatro anos, "uma vitória da justiça, uma vitória do povo brasileiro, que firmou aqui sua independência", festejava Covas, cercado pela imprensa, no plenário já vazio depois do término da votação.

Surpresa n-ao foi, garantiu Covas. Ele contou que, depois de passar por uns três dias meio negros, pessimista com a perspectiva da vitória dos cinco anos, chegou ontem ao plenário convicto de que o resultado seria pelos quatro anos. "Só errei em um voto, mas não digo qual foi", brincou.

Com a derrota do Governo ontem, a garantia de aprovação do parlamentarismo pelo plenário da Constituinte ficou certa, na

opinião de Covas. Enfraquecido, o Governo não terá poder de pressão suficiente para mudar votos. Conciliar quatro anos com parlamentarismo para o sucessor de Sarney n-ao vai ser problema, para ele. Pelo contrário, Covas acredita que o pior seria implantar o parlamentarismo durante o governo de um Presidente abertamente contrário a este sistema, que faria tudo para inviabilizá-lo.

Um dos responsáveis pela derrota dos cinco anos ontem foi o próprio Governo, que se recusou a abrir canais de negociação, admitiu o líder. Repetindo trecho do discurso — ouvido em completo silêncio, quebrado apenas pelas palmas no plenário — que fez da tribuna, Covas reafirmou a importância da votação nos quatro anos para consubstanciar o fim da transição política, "que é a

ponte para a democracia". Os que cochicham pelos cantos que os quatro anos v-ao levar a um período de forte desestabilização política, n-ao têm a visão do processo de transição, criticou.

E a candidatura Covas para a Presidência da República? Entre os comentários políticos, estão os que dão conta de que Covas, por causa das cirurgias cardíacas recentes, seria beneficiado com a vitória dos cinco anos, que lhe daria mais um ano para afastar temores de uma safena abalada. "Se tivesse me falado isso antes...", brincou. Depois, sério, rebateu: "Definir a duração de um mandato para favorecer um ou outro candidato seria repetir o pior que houve durante o regime militar, teríamos aprendido com perfeição a lição do ca-suismo".

TAISA FERREIRA
Da Editoria de Política

Derrota é uma palavra que definitivamente não combina com Ulysses Guimarães, o todo-poderoso presidente da Constituinte, da Câmara, do PMDB e, eventualmente, ocupante da Presidência da República em exercício. Com um jogo de cintura invejável, ele ficou bem com o presidente Sarney ao defender os cinco anos mas, não comprou qualquer briga com os defensores dos quatro anos — que na prática o favorecem na corrida presidencial. — O senhor trabalhou pelos cinco anos presidente? perguntou o repórter — Manifestei minha opinião, mas pedir votos eu não fui, respondeu, com um discreto sorriso.

Foi com ar sereno, sem demonstrar qualquer preocupação, que o presidente Ulysses Guimarães deixou seu gabinete da presidência da Câmara logo após anunciada a vitória dos quatro anos. Ele passara toda a manhã ali, trancado, acompanhando a votação ao lado dos ministros da Administração, Aluizio Alves, e da Ciência e Tecnologia, Luis Henrique. Com o tom formal que assume nos momentos de grandes decisões, Ulysses soltou: "Quero dizer que foi uma decisão democrática e não há como deixar de aceitar decisão do mais alto foro político da Nação".

Batendo na tecla da soberania da Constituinte, Ulysses Guimarães deu um recado indireto ao presidente Sarney, que "tem experiência parlamentar de 27 anos e já esteve em entrevistos semelhantes para compreender o resultado. "Agora, para o presidente da Constituinte vai se abrir um tempo de novas conversas nas áreas políticas.

Toda vez que quer se furtar de um posicionamento pessoal sobre uma questão mais delicada, que divida forças com as quais lhe tem interesse em manter ligações políticas, Ulysses lança mão de sua condição de presidente da Constituinte. Assim, ele evitou dizer se na próxima etapa — do plenário — vai continuar defendendo a tese dos cinco anos, agora derrotada: "Não posso ter posições pessoais, vou agir como árbitro".

Surpresa com o resultado de ontem Ulysses Guimarães disse não ter tido, embora notícias dessem conta de que ele teria garantido ao presidente Sarney a vitória dos cinco anos. "As forças estavam muito equilibradas, seria muito temerário avançar em previsões", afirmou.

O senhor não se sente atingido? — Não, não posso me julgar proprietário da verdade, respondeu tranquilo. Diante do resultado imprevisível na Sistematização e do fogo cruzado entre os cincoanistas e o quatroanistas nos últimos dias, Ulysses Guimarães preferiu "ficar na moita", por um bom tempo. Recolhido ao seu gabinete, ele pouco falou sobre o assunto. Só quebrou o mutismo para defender a soberania da Constituinte diante das ameaças de guerra aos parlamentares que votassem pelos quatro anos, transmitidas pelo porta-voz da presidência, Frola Neto.

Ontem Ulysses Guimarães revelou o segredo da sua atitude: "E melhor deixar a poeira assentar. No meio de um tiroteio a atitude mais sensata é se esconder para não ser apanhado por um tiro", brincou. Como candidato virtual à presidência da República, Ulysses Guimarães, por causa da idade avançada, só teria a se beneficiar com a vitória dos quatro anos. Mas esse é um assunto no qual ele prefere não tocar: "Meu nome foi lançado pela imprensa, por companheiros, mas isso é só para depois da promulgação da Constituição", advertiu.

O importante, para Ulysses, é que, em mais uma batalha política sua liderança ficou intacta. Diante dos defensores dos quatro anos, ele conseguiu preservar sua imagem. Chamado de **senhor das diretas**, ele usou de astúcia no dia em que o senador Mário Covas, em cerimônia pública, lhe pediu para assinar emendas por diretas em 88. "O-lhá que eu não resisto a tentação, brincou na época". Diante do presidente Sarney, ficou a imagem de defensor dos cinco anos — embora sem o vigor desejado pelo Planalto.

"Importante é que não houve qualquer ataque pessoal a Sarney da tribuna", fez questão de frisar. O ministro da Ciência e Tecnologia, Luis Henrique, por sua vez, arregalou os olhos ao ouvir os comentários de que Ulysses estaria muito sorridente depois da derrota dos cinco anos: "Por favor, não façam isso. Essas ilações são perigosas, é preciso evitar qualquer confronto entre Ulysses e Sarney".

Esquerda do PMDB festeja as diretas já

Pela primeira vez o PMDB comemora uma vitória no seu reduto tradicional — o Restaurante Tarantella — sem o seu principal personagem, Ulysses Guimarães, que tem ali o seu principal ponto de referência na capital. A estrela do almoço comemorativo da aprovação dos quatro anos, ontem, foi o senador Mário Covas, presidindo uma mesa de dezenas de parlamentares do partido.

Na festa das diretas, além da ausência do presidente do partido, também não estava o autor da famosa emenda de 84, o ex-ministro Dante de Oliveira. A emenda aprovada ontem foi a do deputado balano Jorge Hage.

— O Hage foi o Dante que deu certo — comentavam

Covas chegou ao restaurante, acompanhado da esposa, dona Lilla, e foi saudado com gritos de "Presidente, Presidente." Alguém perguntou, referindo-se a aprovação do parlamentarismo e das eleições para o próximo ano.

— Afinal, é chefe de governo ou chefe de Estado?

A deputada Beth Azize, do PSB, que junto com Moema Santiago, do PDT, eram "as estranhas no ninho" na festa do PMDB, definiu: "E chefe do governo. Chefe de Estado é o Rícha. Ou o dr. Ulysses como saída honrosa". Foi a única indicação que teve Ulysses em seu tradicional reduto.

Como a euforia fosse escente, começou a cominação do futuro ministério de amarelo, a deda Cristina Tavares, orria as mesas, tanto arte de cima como da baixo do restaurante, Ce-grada no Ministério nto, munições.